

O SERTÃO SOB PREMISSAS PÓS-ESTRUTURALISTAS: NORDESTE SIM, NORDESTE NÃO

Marta Maria Eneas Moura¹
Walcler de Lima Mendes Junior²

Psicologia



ISSN IMPRESSO 1980-1785
ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

Marcado por aspectos do clima tropical semiárido, longas estiagens, êxodos, cultivo canavieiro e algodoeiro, latifúndio, casarões, senhores de engenho, trabalhadores e meeiros, todos explorados por um sistema social com forte inspiração na escravidão do século XIX. O Nordeste, surgindo no contraste entre Norte e Sul, desde o início dos anos vinte. Ao sabor dos anos, pensar na possibilidade de um “Novo Nordeste” emergindo? O chão sulcado por volante e cangaço, a fome derrubando famílias, uma gente sustentada por pequenas aves de arrição, preás e farinha, o descuido governamental, contraste da imagem fabulosa com a tecnologia digital, entrando nas casas do povo. Nordeste como se fosse signo de signos, imagens sobrepostas. Nos termos desta pesquisa, termos da identidade regional deslocada por marcas do pensamento pós-estruturalista. O signo Nordeste desloca-se pela literatura, poemas, filmes e trajetórias de gentes e coisas. A construção do Nordeste como fábula de precisão começa aqui e agora.

PALAVRAS-CHAVE

Nordeste. Signo. Sertão. Identidade. Desconstrução.

ABSTRACT

Marked by aspects of semi-arid tropical climate, long droughts, exoduses, sugar cane and cotton cultivation, plantation, mansions, landlords, workers and sharecroppers, all explored by a social system with strong inspiration in 19th century slavery. The Nor-

theast appearing in the contrast between North and South since the early twenties. All over the years, it is about the possibility of a “New Northeast” arising? The ground furrowed by soldiers and out-of-laws, famine overthrowing families, a people supported by small brood birds, preys and flour, governmental neglect. The contrast of the fabulous image with digital technology entering the homes of the people. Northeast as if it were sign of signs, images superimposed. In terms of this research, terms of regional identity displaced by marks of poststructuralist thinking. The Northeast sign travels through literature, poems, films, and trajectories of people and things. The construction of the Northeast as a fable of precision begins here and now.

KEYWORDS

Northeast. Sign. Sertão. Identity. Deconstruction

1 INTRODUÇÃO

Podemos pensar o signo nordeste como uma não-categoria que abarca um suposto sujeito que antes de completar seu drama marcado por êxodos, abandonos, perdas, saudades, intempéries da natureza e injustiças sociais já escorrega para outra possibilidade de identidade que se estabelecerá no futuro como sujeito urbano, tecnológico e moderno. Mas isso será no futuro? Possibilidade? Para quem exatamente o signo nordeste se constrói? A quem serve como discurso hegemônico, expresso em um centro, origem, tradição de onde emanam significados e sentidos canonizados pela literatura e estudos regionais? A quem serve como discurso contra-hegemônico, expresso em suas bordas, em seus limites, fins, movimento que contamina o centro/tradição ou mesmo sobre determina esse centro?

Poderíamos assumir a possibilidade do signo Nordeste vir a desdobrar-se tanto e tão longe daquela interpretação que lhe tributava sentido a ponto de mais nada do movimento anterior ainda existir, a ponto de não haver mais um Nordeste frente a um não-Nordeste, ou um sertão frente a um não-sertão. Essa possibilidade de movimento que o signo sob as premissas pós-estruturalistas aceita, mas não encerra, diz respeito ao deslizar no entre: espaço que se forma entre o conceito, sua negação e uma terceira margem, isto é, um centro, um limite e uma relação não hierarquizada entre os dois. Posto isso, essa pesquisa pretende por meio da seleção e análise de discursos chave sobre o sertão tradicional e contemporâneo abordar, sob a dicção do pós-estruturalismo, conceitos e comportamentos relativos à identidade e ao território como categorias fluidas e contingenciais.

O trabalho é desenvolvido por meio do levantamento, seleção e interpretação de discursos literários, jornalísticos e filmicos que se constituem como dizeres-nordeste, ou mais especificamente discursos-sertão, enquanto possibilidades de sedimentação e/ou deslocamento das identidades. Este deslocamento e interpelação dos discursos se pretende não como um fim em si, a partir de uma premissa de contemporaneidade esteticamente, mas como dimensão do político, que permitiria fazer ver, segundo uma ressalva

foucaultiana, a dominação existente nas amarras a uma única identidade sertaneja – geralmente apresentada como território da fome, rural e miserável, mitigado pela seca.

Esta não será uma faceta descartada, mas nos interessa também o sertão das motos, da cisterna, do motoargola, do cordel do *facebook*. O discurso audiovisual, que será um dos produtos finais do projeto, deverá estar atento e delinear-se por meio da multiplicidade, das disseminações e das sedimentações destas identidades e destes territórios rasurados que constituem “os sertões”.

Na modernidade, a construção da identidade e a delimitação do território apresentam-se como processos fundamentais na construção dos Estados nacionais modernos. Para além de uma única língua, lei e raça, a identidade nacional moderna prescinde de uma sensação de unidade e consenso.

A afirmação de uma identidade consensual tinha papel fundamental também no posicionamento das nações perante as outras, fortalecendo seu discurso e permitindo expressar suas potencialidades distintas face ao contexto internacional. A forma como esta identidade seria construída, que elementos seriam pinçados do cotidiano intranacional para ser levantado ao status de caráter identitário seria definidor de como aquele Estado seria visto pelos seus outros. Considerando a imagem que a nação quer construir para si num determinado momento, certos processos são privilegiados e outros tantos são apagados.

Por ser uma invenção, a identidade nacional não é menos efetiva: não se trata de uma ficção sobre o real, mas da própria instituição deste por meio de discursos. A identidade, como discurso, só pode efetivar-se ao ser legitimada, transformada em capital simbólico apropriado pelo Estado. A construção de discursos identitários para a nação diz justamente da produção de modos de ver esta nação. Uma vez que produz a forma de ver o mundo, a disputa pelo poder simbólico se dá de maneira conflituosa, onde cada campo deseja impor seus esquemas classificatórios sobre os outros.

No caso da construção da identidade nacional deve-se levar em conta tanto o processo interno, onde determinadas classes teriam sua forma de visão legitimada como legitimadora de determinadas práticas como identitárias, quanto ao contexto internacional, onde as escolhas deste ou daquele elemento podem resultar em acumulação de capital simbólico frente às outras nações.

A identidade nacional não é uma essência pura com a qual nascemos, mas um discurso “inventado”, especificamente como necessidade para a construção dos Estados Modernos. “Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural” (HALL, 2001, p. 49) que unifica sob certa identidade, povos religiões e territórios diversos.

No caso da construção da identidade brasileira, valores como a origem e a tradição aparecem como centrais nos primeiros esforços desta construção. Mais ainda, esta construção, que passa por questões de Estado, apropriam-se de capital simbólico acumulado pelos intelectuais modernos como premissa de legitimação desta crença. Autores como Gilberto Freire e Sergio Buarque de Holanda, ao investigarem questões de uma certa identidade originária do Brasil assumem um processo de fundação desta mesma identidade: dizem o que ela é e deve ser – a legitimam.

Na contemporaneidade a discussão acerca da invenção dos Estados Modernos e o exame de como estes se constroem e modificam-se no tempo recai na ideia de um desmoronamento destas identidades e na necessidade de sua restauração, mas esta premissa exigiria não só um espaço social fixo, onde os *habitus* não se modificam, mas também a existência real de uma identidade que abarcasse toda a sociedade. Stuart Hall ilumina como este processo de compreensão das identidades pode ser atualizado contemporaneamente, por meio de desdobramentos do pensamento de Foucault e Derrida, para nos falar de identificações, dando lugar ao conceito totalizante de identidade.

Este breve exame solapa a ideia da nação como uma identidade cultural unificada. As identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas. Assim, quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para “costurar” as diferenças numa única identidade. (HALL 2001, p. 65).

Uma discussão sobre os processos de construção das identidades regionais no(s) nordeste(s) costuma apoiar-se numa disputa pela hegemonia discursiva oscilando entre duas construções: a “verdadeira identidade nordestina”, ora é buscada nos discursos que remontam ao período colonial – na Casa-Grande e Senzala da Zona da Mata, mas igualmente nas vilas e cidades, no barroco das Igrejas de Pernambuco e da Bahia, nos doces e nas procissões –, ora é afirmada na figura do sertanejo – “antes de tudo um forte”, o retirante, a terra rachada, a Asa Branca e o canto do Acauã (por onde quiçá ressoam ecos da SUDENE de Celso Furtado). Outros nordestes se constituem contemporaneamente – o Nordeste da praia paradisíaca alvo dos empreendimentos turísticos, o Nordeste das carnavalizações.

Dentro de um recorte, um fragmento, uma linha do feixe que constituímos, o sertão aparece como espaço interrogador, desestruturador, tanto por seu viés de manutenção e afirmação cultural – como território inscrito a ferro como marca aparentemente indelével do discurso identitário acerca do nordeste e mesmo do Brasil –, quanto por aquilo que afirma para si nos encontros inusitados com seu discurso de contemporaneidade. Sedutor em sua terra rachada, chão carcomido, ossadas, falta d’água e calor, tudo o que escapa ao cenário Graciliano parece um excesso, um fora, uma alteridade.

É no embate com o sertão contemporâneo que fomos forçados a ver, problematizar e rediscutir identidades e sertões.

O sertão seria um espaço marcado por nele sobreviver restos de tempos outros, espaço definido por conceitos como os de arcaico, tradicional, costumeiro, rotineiro, intemporal. Dizer,

pois, que os sertões são contemporâneos não é um mero gesto de descrição ou constatação, é, em si mesmo, um gesto de contestação, de problematização, de questionamento dos modos de definir, descrever, dizer e fazer ver sertão. (ALBUQUERQUE JR., 2014, p. 43).

Atentar para este traço foucaultiano: o “fazer ver”, que expressa a possibilidade não apenas de tornar visível, mas de forçar o olhar, de exigí-lo. Quando estamos aqui trazendo questões sobre o que escapa à classificação fácil sob a alcunha da “identidade sertaneja”, estamos nos forçando a lidar com o que não parece ser uma questão do sertão. Rasurando o signo, nos colocamos frente ao vaqueiro que tange o boi na moto, cuja manutenção mais barata somada ao desejo de possuir meios de locomoção mais modernos tem feito disseminar-se em terras sertanejas.

Dessa questão contemporânea decorrem outras, como o abandono de animais como o jumento tão cantado, esculpido, louvado, mas que agora traz a ver no sertão a questão dos animais. O que fazer com tradições como a vaquejada, que hoje não pode escapar de um sério debate sobre maus tratos e crueldade contra os bois? Se nos negarmos a ver e fazer ver questões como estas, de que lugar falaríamos?

Frequentemente operamos com uma concepção excessivamente simplista de “pertencimento”. [...] Como os relacionamentos paternos, as tradições culturais nos moldam quando nos alimentam e sustentam, e também quando nos forçam a romper irrevogavelmente com elas para que possamos sobreviver. (HALL, 2003, p. 84).

Num projeto como este, lidar com aquilo que devemos esquecer parece tão importante quanto com o que deve ser preservado, mas traz dificuldades próprias. Os perigos do encantamento romântico pelas práticas, folclorizando-as, assombra todo pesquisador das culturas, pois há mais paradoxo do que normalmente se quer pensar naquilo que chega embandeirado, alegre, risonho.

Este sertão estagnado no tempo, este sertão incapaz de contemporaneidade não é somente um erro, um mito ou um desconhecimento, é uma arma, é um argumento, é um instrumento usado nas lutas sociais e políticas travadas no país, que visam preservar um dado arranjo de forças, reproduzir dados privilégios econômicos, políticos e sociais e repor dadas relações e hierarquias sociais, dentro e fora do espaço nomeado de sertão. (ALBUQUERQUE JR., 2014, p. 43).

Toda identidade serve a alguém. Isto inclui o Nordeste da miséria, seco e comido. Ignorar as cisternas ou os programas sociais de transferência de renda serve

para perpetuar o que Albuquerque Junior chama de “retórica da perda”, que serviu historicamente para garantir privilégios e manter estruturas de dominação.

Hoje essa população e esse espaço ausente, esse espaço e essa gente que vive sempre para além de uma dada fronteira definida pelo pertencimento a um tempo e a um espaço outro que de saída os exclui, querem ser contemporâneos, mais do que isso, se afirmam, se enunciam como estando na contemporaneidade. (ALBUQUERQUE JR., 2014, p. 47).

É a interpelação da cisterna, da moto, do selfie, do paredão de som no carro de boi, do cordel do whatsapp, da motoargola. Ele nos desafia, nos questiona, não permite o lugar de conforto da alteridade plena. Aceitamos tranquilamente o devir do mesmo – o nômade urbano, contemporâneo – mas no rastro da tradição, o devir parece sempre externo, invasor, contaminante. A cultura plasmada enquanto “popular”, como já demonstramos e rasuramos antes, é o oposto do devir, é a permanência – e na perspectiva do pensamento urbano-contemporâneo, é a fixidez, a não ser que venha reformulada, ressignificada, revalorizada (e demais “res”), por subjetividades contemporâneas. Uma identidade tornada outra, apropriada, fagocitada. Mas, que facetas são essas que são apropriadas? As cores, o sorriso folclorizado, o mito de origem (que por vezes fala dos “povos originais” como pitorescas reminiscências não-civilizadas).

A condenação da cultura popular a um decalque eterno de certas formas e conteúdos escamoteia aquilo que a torna significativa – estar imersa num devir que separa e articula tradição e mudança, fixidez e novidade. Diria Derrida que operar por essas oposições ainda é manter-se na episteme que a referencia, ainda que ataquemos a polarização. Politicamente, isso pode significar compreender a resistência implícita nas tradições culturais, mas estar atento igualmente para os aprisionamentos derivados das mesmas narrativas, articulados pelo conceito escorregadio e difícil das identidades (ainda) modernas.

Fanon reconhece a importância crucial, para os povos subordinados, de afirmar suas tradições culturais nativas e recuperar suas histórias reprimidas. Mas ele está consciente demais dos perigos da fixidez e do fetichismo das identidades para recomendar que se lancem raízes no romanceiro celebratório do passado ou na homogeneização da história do presente. (BHABHA, 2013, p. 31).

“O fenômeno urbano, as cidades, as populações urbanas dos sertões são invisíveis na maioria dos discursos e das políticas públicas que a ele se dirigem” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2014, p. 49). O que torna fácil fechar os olhos à responsabilidade em torno de direitos urbanos destes mesmos sertanejos, como a luz elétrica e a água encanada.

Este projeto apresenta-se como indagação produzida justamente a partir desta perspectiva de uma identidade múltipla, cambiante e contemporânea a interpelar as construções identitárias de um “Nordeste sertanejo”, provenientes de três conjuntos de discurso: (1) o literário – um dos principais conjuntos discursivos a “inventar” um nordeste por meio do sertão no regionalismo de 30 -; (2) o audiovisual – marcado pela interpelação modernista, pelo ciclo do cangaço, pelo Cinema Novo e pelo Manguebeat; (3) o jornalístico – a lembrar que “Os Sertões”, mito fundador do território de miséria e sofrimento, foi narrado enquanto discurso jornalístico. Desta forma, pretende-se discutir sertões contemporâneos por meio da análise, interpretação e disputa entre os diferentes discursos que atravessam essa construção signífica.

2 IDENTIDADE PÓS-ESTRUTURALISTA

A medida que o tempo e o espaço mudam, as identidade do mundo social também se transformam. Com a chamada “crise de identidade”, as marcas e práticas da tradição estão em declínio, visto que a medida que a sociedade sofre mudanças o indivíduo moderno se fragmenta tanto no seu âmbito social e cultural.

Na era Iluminista, havia uma concepção de um sujeito dotado da auto razão, onde o “eu” era o “centro” estável da identidade de uma pessoa. Segundo Stuart Hall, “a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade”, dessa forma, esse processo acaba, produzindo um sujeito pós-moderno que não expressa uma identidade fixa ou permanente. Além disso, o status social do indivíduo em sociedade, predomina como marca e elemento constituidor desse sujeito perante a sociedade. Por outro lado, esse status social, na sociedade moderna, diferente da sociedade tradicional ou antiga, se mostram de forma entrópica e pouco previsível, fortunas podem se transformar em

3 IDENTIDADE DO NORDESTE

Com um rico espaço geográfico, cultural e étnico, o Nordeste é resultado da espacialidade originada pelo grau histórico e cultural, pelos pensamentos de intelectuais e a linguística desenvolvida nos textos onde expõe o imaginário e o real do lugar.

O Nordeste surge da divergência entre o político-cultural formado pela reação da população rente a perda de espaço econômico, declínio das produções agrícolas devido as grandes estiagens e os movimentos políticos da época. Como resposta de todo esse processo, os veículos de informação começam a circular no país, destacando do signo Nordeste, principalmente, o flagelo da seca em meados de 1877 a 1879, posteriormente fotografias dos flagelados foram disseminadas nos grandes centros urbanos do sudeste, produzindo a ideia de uma raça inferior, com serias dificuldades de desenvolvimento e com características físicas próprias que se discriminavam do homem urbano, branco e de cultura francófona, ideal e modelo de homem moderno brasileiro de então. Essa invenção imagética segundo o autor foi um dos motores de produção desse signo Nordeste, cunhado na dimensão da perda.

O sul é o espaço-obstáculo, o espaço-outro contra o qual se pensa a identidade do Nordeste. O Nordeste nasce do reconhecimento de uma derrota, é fruto do fechamento imagético-discursivo de um espaço subalterno na rede de poderes, por aqueles que já não podem aspirar ao domínio do espaço nacional. (ALBURQUERQUE JR., 2011, p. 83).

Nessa fase, surge de uma região escassa de chuva e com índice econômico baixo, o que chamamos de cangaço, que no dicionário Aurélio significa o conjunto de utensílios que as pessoas humildes carregavam. Esse movimento foi outro motivo para o país e os políticos se voltarem ambiciosamente para o Nordeste, iniciando um grande combate contra os cangaceiros, por não respeitarem as fronteiras estaduais e desafiarem o governo e parte dos poderes locais. Começa um período que mudou a História do sertão brasileiro, por meio das lutas entre o rico e o pobre, a indignação de uma população que tenta sobreviver, lidando com o medo e a repressão dos coronéis, a fragilidade causada pela tomada de terra tanto de pequenos agricultores quanto de latifundiários, que não gozavam da simpatia do poder político, além do pânico gerado pela crescente onda de revoltas pelos estados.

4 CONCLUSÃO

Portanto, elucidando o signo Nordeste e suas disseminações mais evidentes como o cangaço, a seca, o coronelato, a dimensão da perda, como explicitada em Albuquerque Jr. *A Invenção do Nordeste*, as transformações e contaminações provocadas pelas novas mídias, desde a chegada do rádio e posteriormente da televisão em praça pública até o fenômeno de substituição das *Lan-houses* pelos smartphones em que jovens dos municípios do sertão e agreste alagoano caçam Pokemóns tal e qual, garotos de Tokio e São Paulo, vêm a propor uma nova conjuntura estruturalista do Nordeste de acordo com a uma nova mídia e literatura que transformam a imagem dos conhecidos sertões feitos por Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Ariano Suassuna, entre outros que embarcaram na geração de 30. Para o qual, contribuíram na visibilidade e denúncia do preconceito em relação aos nordestinos e sua região. Segundo *Invenção do Nordeste*, esta região do Brasil, é perpetuado por imagens, falas e temas que se repetem em infinitos discursos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2006.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Distante e/ou do instante: sertões contemporâneos, as antinomias de um enunciado. In: FREIRE, Alberto (Org.). **Em culturas dos sertões**. Salvador: EDUFBA, 2014.

ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira *et al.* **Para compreender o discurso:** uma proposição metodológica de inspiração bakhtiniana. Rio de Janeiro: GPMC/IPPUR/UFRJ, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença:** contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2002.

DERRIDA, Jacques. **Posições:** semiologia e materialismo. Lisboa: Plátano, 1974.

DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia.** Campinas: Papirus, 1991.

DERRIDA, Jacques. **Khôra.** Campinas: Papirus, 1995.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença.** São Paulo: Perspectiva, 2009.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1966.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

Data do recebimento: 6 de setembro de 2017

Data da avaliação: 20 de setembro de 2017

Data de aceite: 3 de Outubro de 2017

1 Graduanda do curso de Comunicação Social: Jornalismo. Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.
E-mail: martaeneas79@gmail.com

2 Doutor; Professor do Curso de Jornalismo. Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.
E-mail: walclerjunior@hotmail.com